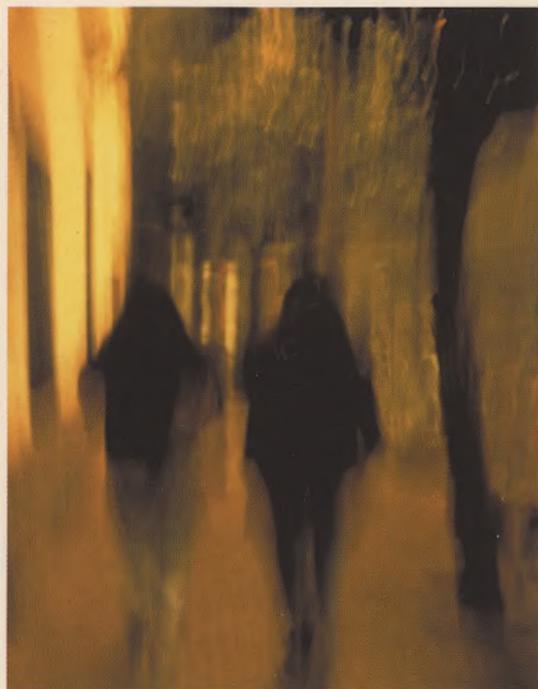


REVISTA DE
HISTÓRIA
DAS IDEIAS



HISTÓRIA E VERDADE(S)

VOLUME 23, 2002

INSTITUTO DE HISTÓRIA E TEORIA DAS IDEIAS
FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REVISTA DE HISTORIA DAS IDEIAS

UMA ETAPA DE UM PERCURSO

Vinte anos depois de ter assumido o cargo de director da *Revista de História das Ideias*, entrego o testemunho ao meu colega Fernando Catroga — eleito pela Redacção, de acordo com o seu Regulamento — que, sem dúvida, irá beneficiar este periódico científico, fundado em 1977. Como se trata de um tempo suficientemente longo na sua história, entendi que não deveria terminar esta etapa sem deixar um depoimento singelo do que foi realizado e como foi realizado, não tanto por mim mas por uma equipa a quem se devem as qualidades que porventura foi granjeando esta publicação.

Algum tempo após a Revolução de 1974, o Prof. José Sebastião da Silva Dias propôs no Instituto de História e Teoria das Ideias, que recentemente criara, tendo como base o institucionalmente pouco definido "Seminário de Cultura Portuguesa", a edição de uma nova revista. Confesso que não foi com entusiasmo que aceitei essa sua ideia, própria de um espírito sempre criativo e inconformista. No grupo de História da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra existia já a mais antiga revista da especialidade em publicação, a *Revista Portuguesa de História*, criada em 1941 (e, desde 1959, na área mais específica da Arqueologia, a revista *Conimbriga*), e entendi que um novo periódico deste tipo poderia dificultar a sua continuidade. Ou a então denominada *Revista de História das Ideias* — nos Estados Unidos, em Filadélfia, existia, desde 1940, o *Journal of the History of Ideas*, e em Quito, no Equador, fora fundada, em 1959, a *Revista de Historia de las Ideas*, de que o nosso historiador Damião Peres era conselheiro — poderia ter uma vida curta e morte prematura, como tem sucedido com muitas publicações do género. Felizmente, o dinamismo de Silva Dias, e o que imprimiu nos seus discípulos, veio a revelar que

este meu sentimento era demasiado pessimista. A *Revista de História das Ideias* não morreu, o mesmo sucedendo com a *Revista Portuguesa de História*. Entretanto, os centros de investigação de História actualmente ligados à Fundação para a Ciência e a Tecnologia acabaram também por criar as suas próprias publicações: o Centro de História da Sociedade e da Cultura lançou em 2001 a *Revista de História da Sociedade e da Cultura* e o recente Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) lançava no mesmo ano a sua publicação, *Estudos do Século XX*, que estou a dirigir.

A *Revista de História das Ideias*, como quase todas as publicações idênticas, não tinha uma linha temática definida, a não ser a "História das Ideias", objecto de contornos amplos mas de grande significado científico, que pretendia ultrapassar, numa perspectiva interdisciplinar, a temática mais circunscrita (pelo menos em termos de imagem) da "História da Cultura". Foi assim que saiu à luz o seu número 1, de 1977, e o número 2, de 1978-1979, que hoje já constituem raridades bibliográficas. Silva Dias dirigiu, naturalmente, estes dois volumes. Mas, a sua partida para Lisboa, para a Universidade Nova, onde fundaria uma outra revista, *Cultura, História e Filosofia*, cujo primeiro número é de 1982, poderia ter ditado o fim da revista que criara em Coimbra. Deve-se a Manuel Augusto Rodrigues o esforço de a fazer reviver, com um número que constituiu ainda uma miscelânea de artigos, o volume de 1981.

O centenário da morte do Marquês de Pombal, em 1982, funcionou na altura como a alavanca capaz de dar outra alma à revista e de a lançar para campos temáticos mais especializados, linha já adoptada por outras publicações congêneres, como a *Revista Crítica de Ciências Sociais*, editada em Coimbra. Dirigida ainda por Manuel Rodrigues, iniciou-se, portanto, a ideia de cada número ter um tema e um ou mais coordenadores, o que acabaria por envolver na sua elaboração, de forma mais directa, todos os elementos do corpo redactorial. Neste caso, coube a mim esse papel, assim como à então jovem assistente Isabel Nobre Vargues, adjuvados ambos, sem ser nomeado expressamente, por José Antunes, que pôs assim a sua experiência e a sua generosidade ao serviço desta causa. Foi um tempo de enormes canseiras, mas também de um alegre entusiasmo, que acompanha todos os empreendimentos desinteressados e criativos. Os dois volu-

mes dedicados ao tema, com uma capa que procurava ser inovadora — sem talvez o ser — no âmbito das revistas universitárias, exemplares hoje completamente esgotados, têm para nós um grande significado.

Os centenários ou as comemorações foram muitas vezes pretextos para nos incentivar a continuar. Em 1983 — só então passei a dirigir a revista — foi o centenário do nascimento de António Sérgio; em 1988 avizinhava-se o centenário da Revolução Francesa e daí resultou um congresso luso-espanhol que antecedeu as múltiplas celebrações realizadas um ano depois; 1990 foi o ano oficial do centenário da fundação da Universidade Portuguesa; no ano seguinte comemorava-se o centenário da morte de Antero de Quental; 1994 celebrava vinte anos da Revolução de Abril; no ano de 1992 estava-se em plena época de celebração dos Descobrimentos, ainda que a temática que lhe foi dedicada pela revista tivesse um sentido mais amplo, "Descobrimentos, Expansão e Identidade Nacional". Estas datas originaram, pois, em cada ano, um ou mais volumes dedicados aos respectivos temas, alguns dos quais se encontram esgotados.

Em dois casos, aproveitou-se a revista para homenagear membros do Instituto de História e Teoria das Ideias. Silva Dias, o fundador da revista, como não podia deixar de ser, teve dois números em sua honra (e três volumes), em 1986 e 1987, dedicados a uma temática que lhe era cara, "O Sagrado e o Profano", e, recentemente (2001), ao ser jubilado, José Antunes teve um número que lhe foi consagrado, sobre um tema que se considerou do seu interesse científico, "O Estado e a Igreja".

Mas, obviamente, nem sempre as celebrações e as homenagens foram motivo para a selecção de assuntos a desenvolver. Em 1984 e 1985 a Redacção escolheu um tema transversal, "Revolutas e Revoluções", em 1989 surgiu outra ideia que abrangia estudos sobre todas as épocas, "Cultura, Política e Mentalidades", assim como sucedeu com os números que se vão nomear: "Rituais e Cerimónias" (1993), "História, Memória, Nação" (1996), "A Cultura da Nobreza" (1997-1998), "O Livro e a Leitura" (1999), "História e Literatura" (2000). De idêntico modo, foram de temática transversal os citados volumes de homenagem a Silva Dias e a José Antunes. Finalmente, este número de 2002, "História e Verdade(s)", pretendeu ter um carácter mais

teorizante, sem perder também um sentido historiográfico em alguns dos artigos.

Pretendeu-se que a revista fosse exclusivamente coordenada por investigadores do Instituto de História e Teoria das Ideias, mas não se desejou que fosse uma publicação que tivesse apenas artigos dos investigadores do Instituto. Assim, até este presente número (que não é contabilizado neste balanço), dos 451 artigos publicados, 123 (27%) são de membros do Instituto, 188 (42%) são de professores e investigadores de outras instituições de Ensino Superior português (Universidades e Institutos Politécnicos, embora predominantemente daquelas), 90 (20%) são de professores e investigadores estrangeiros, sendo na sua maioria investigadores espanhóis (36), brasileiros (31) e franceses (12), sem que, no entanto, estivessem de todo ausentes os de outras nacionalidades (3 alemães, 3 americanos, 2 húngaros, um canadiano, um mexicano e um italiano). Seja como for, talvez se possa dizer que esta análise estatística demonstre que, até ao momento, se fez sentir uma indubitável realidade geracional, ou seja, a relação mais estreita da historiografia que temos representado com a historiografia românica do que com a historiografia anglo-saxónica, e mesmo germânica ou eslava, para não falar de outras áreas culturais, como a asiática (mais afastada do nosso horizonte) ou a africana (ainda incipiente, apesar do interesse que nos suscita a sua área de estudos). Contudo, esta linha, mais espontânea do que de orientação consciente, não limitou drasticamente o carácter internacional da revista. De resto, para além de aceitar artigos em português (de Portugal e do Brasil), publicou 35 artigos em castelhano, 12 em francês, 2 em inglês, um em alemão e um em italiano.

Prosseguindo a nossa análise quantitativa, também se deve dizer que não deixou de contar com a colaboração de professores que, embora portugueses, leccionam em universidades estrangeiras: 7 (2%). E igualmente se abriu a investigadores não universitários — 26 (5%) — e a alunos da nossa Universidade de Coimbra, que se revelaram pelas suas qualidades científicas. A publicação dos seus artigos — 17 (4%) — foi, em alguns casos, um estímulo à sua actividade de pesquisa, embora outros se viessem a desviar desse rumo, enveredando por outras actividades, algumas, como o ensino em outros graus, não menos significativas.

O contacto com a comunidade científica e cultural, a nível nacional e internacional, também se afirmou através de recensões (área em que, todavia, a revista se tem revelado deficitária, dado que os nossos investigadores nem sempre gostam de escrever um trabalho de leitura crítica) e de notícias de congressos, colóquios, seminários, cursos e outras realizações. Como se depreendeu, alguns números da revista — dois para ser mais preciso — são actas de congressos ou seminários universitários de história comparada ou, talvez melhor, de história paralela: "A Revolução Francesa e a Península Ibérica", que teve dois colóquios, um em Coimbra e outro em Madrid, tendo sido uma parte das comunicações apresentadas na nossa Universidade publicadas também na *Revista Portuguesa de História*, e "História, Memória, Nação", que teve também duas sessões, uma em Coimbra e outra em Salamanca.

Igualmente a permuta de revistas se tem afirmado como um meio privilegiado do reforço de relações científicas e culturais, que sempre constituiu um dos objectivos do Instituto de História e Teoria das Ideias. Neste caso, receberam-se grandes publicações, já credenciadas internacionalmente, mas também pequenas edições de carácter regional ou local, dado que se entendeu como fundamental a difusão da nossa *Revista de História das Ideias* em grandes e pequenos meios, estes nem por isso menos importantes.

Passando a mais um exercício de contabilização, o Instituto de História e Teoria das Ideias possui, como permutas, revistas das seguintes áreas geográficas e categorias:

De 117 revistas recebidas actualmente (a permuta teve variações ao longo destes anos, que não valerá a pena circunstanciar), 51 são portuguesas e 66 estrangeiras. Das nacionais, 38 são universitárias, situando-se as restantes em áreas de carácter regional e local. Das revistas estrangeiras, geralmente universitárias ou de centros de investigação de variado tipo, 22 são de Espanha, 18 do Brasil, 10 de Itália, 5 de França, havendo uma só revista de cada um dos países seguintes: Argentina, Colômbia, Nova Zelândia, Canadá, Alemanha, Reino Unido, Bélgica, Holanda, Grécia, Roménia e Israel.

Uma revista universitária não subsiste sem apoios financeiros, por mais que pretenda instalar-se num espaço comercial que lhe elimine qualquer sentido de "cidadela" que existe, pelo menos como imagem, sempre que se fala de actividades da "Universidade". Daí

que, para além dos subsídios da própria Universidade de Coimbra e da Faculdade de Letras a que pertence, contámos, episodicamente ou de forma continuada, com a colaboração financeira das seguintes instituições: a hoje denominada Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), antes Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica (JNICT), que nos apoiou regularmente depois da extinção do Instituto Nacional de Investigação Científica (INIC), entidade que inicialmente nos subsidiou, o Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, que teve também as denominações de Instituto Português do Livro e da Leitura e de Instituto Português do Livro, a Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, a Fundação Engenheiro António de Almeida, do Porto, a que se deve uma ajuda constante, e a Fundação Calouste Gulbenkian.

Enfim, vinte anos foram passados e restaria citar todos os colegas que colaboraram na revista, nomeadamente aqueles que coordenaram os diversos números, dado que é a eles que sobretudo coube, com a minha responsabilidade e dos restantes membros do corpo redactorial, o maior ou o menor sucesso desta publicação. Não o faremos, contudo, pois, para o conhecimento dessa importante informação, basta analisar os vários volumes ou os dois índices, publicados em 1989 e em 2000, por Maria do Rosário Azenha, Assessora Principal do Instituto, que foi, a partir de 1984, o elemento de continuidade e que, com um trabalho de natureza só aparentemente técnica, possibilitou o labor de natureza científica que constitui a essência deste periódico universitário, nascido um dia — não deixaremos de insistir — devido à iniciativa de um mestre que amou a Universidade e a Ciência e a elas dedicou grande parte da sua Vida, José Sebastião da Silva Dias.

Apenas seguimos os seus passos e estes vinte anos não são mais do que uma etapa de um percurso. Esperamos vir a percorrer também esta nova etapa que se vai iniciar em 2003, tendo à frente outro discípulo de Silva Dias: o meu colega, colaborador e amigo de todas as horas, Fernando Catroga.

A temática deste número da revista foi — como sempre — decidida no âmbito de uma reunião dos membros do Instituto de História e Teoria das Ideias. Procura interrogar-se, de múltiplas for-

mas, directas e indirectas, teóricas e historiográficas, sobre a Historia na sua relação complexa com a Verdade ou com as "verdades". Ou seja, procura questionar se a História, na sua pretensão de objectividade (e não tanto de "imparcialidade"), não acaba por emitir juízos que, no fundo, não são tanto relativos à "realidade" analisada mas às representações dessa "realidade".

Por isso, foi escolhida para a capa uma fotografia que surpreende uma realidade da Cidade, como espaço do Homem, e que foi depois trabalhada pelo seu autor de modo a torná-la difusa. Essas imagens desfocadas do Homem e do seu ambiente poderão significar a "verdade" ou as "verdades" da História. O seu autor é o médico e fotógrafo amador João Abreu Barreto. Escolhi-a — com o acordo do coordenador deste número, Rui Martins, do *designer*, João Bicker, e da Redacção — entre várias fotos da "história" ou das "histórias" que Abreu Barreto vai colhendo, com a sua câmara e ao sabor do tom imaginativo da sua composição.

Figueira de Lorvão - Coimbra

17 de Setembro de 2002

Luís Reis Torgal